



O HISTORICISMO DE WILHELM DILTHEY EM CONTRAPONTO À CONCEPÇÃO POSITIVISTA SOBRE O ESTUDO DA HUMANIDADE

Vanessa Henning¹

Resumo: O presente trabalho aponta as visões positivista e historicista sobre a humanidade, com o objetivo de mostrar a crítica do historicismo, sobretudo, a de Wilhelm Dilthey à concepção positivista. Para esse pensador, é impossível estudar os fenômenos interiores ao homem a partir da aplicação do mesmo método utilizado pelas ciências naturais, tal como era defendido pelo positivismo de Auguste Comte. A visão positivista impede de olhar para um fator importante no que diz respeito ao ser humano, que é a sua vivência, isto é, a vida humana. Isso porque ela é particular e influenciada pelo contexto histórico. Para Dilthey, a ação das ciências abstrativas sobre os elementos humanos os torna decompostos, com seus horizontes assolados, compreendendo esse fenômeno um processo de “desvivificação”. Dilthey entende que a vida humana deve ser compreendida de modo diferente da forma como os objetos das ciências da natureza são explicados. Sobre esse aspecto, veremos que o filósofo, ao propor um método próprio às ciências humanas, ou, como ele as denomina, as “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*), defende que este método deve se basear na efetivação da razão histórica. A concepção de razão histórica constitui fazer uma crítica histórica da própria razão, buscando entender que não há noções universais que possam valer para todos os seres humanos e nações. Assim, uma vez que não há noções e valores universais apriorísticos, isso significa que todo fenômeno histórico é finito, desvelando a consciência histórica da finitude de toda situação humana ou social. O que o historicismo de Dilthey faz é buscar um equilíbrio entre a contingência do mundo histórico e a consolidação do aspecto universal e objetivo do método das ciências humanas, método esse pautado na hermenêutica. A obtenção do conhecimento mediante o método hermenêutico de compreensão da vida se dá pelo entendimento da estrutura do mundo histórico, pois a historicidade nada mais é que algo característico da vida humana. Assim, todas as vivências da consciência, bem como as visões de mundo, exprimem as materializações do espírito objetivo de cada época.

Palavras-chave: Positivismo. Comte. Historicismo. Dilthey.

Abstract: This paper points out the positivist and historicist visions of humanity, with the aim of showing how historicism, especially that of Wilhelm Dilthey, criticizes the positivist conception. For this thinker, it is impossible to study phenomena inside man by applying the same method used by the natural sciences, as was advocated by Auguste Comte's positivism. The positivist view prevents us from looking at an important factor when it comes to human beings, which is their experience, in other words, human life. This is because it is particular and influenced by the historical context. For Dilthey, the action of the abstract sciences on human elements makes them decomposed, with their horizons devastated, understanding this phenomenon as a process of "unlification". Dilthey believes that human life must be understood differently from the way in which the objects of the natural sciences are explained. In this respect, we will see that the

¹ Doutoranda em Filosofia pela Unioeste. E-mail: nessahen@gmail.com

philosopher, in proposing a method specific to the human sciences or, as he calls them, the "sciences of the spirit" (*Geisteswissenschaften*), argues that this method must be based on the realization of historical reason. The concept of historical reason involves making a historical critique of reason itself, seeking to understand that there are no universal notions that can apply to all human beings and nations. Thus, since there are no a priori universal notions and values, this means that every historical phenomenon is finite, revealing the historical awareness of the finitude of every human or social situation. What Dilthey's historicism does is seek a balance between the contingency of the historical world and the consolidation of the universal and objective aspect of the method of the human sciences, a method based on hermeneutics. Obtaining knowledge through the hermeneutic method of understanding life is achieved by understanding the structure of the historical world, since historicity is nothing more than something characteristic of human life. Thus, all the experiences of consciousness, as well as worldviews, express the materializations of the objective spirit of each era.

Keywords: Positivism. Comte. Historicism. Dilthey.

INTRODUÇÃO

Com a Revolução Industrial e os efeitos das descobertas científicas sobre a sociedade, defendeu-se a ideia de que a ciência era o único caminho para alcançar o progresso humano e social. No âmbito do pensamento da época, entendia-se que o rigor do método científico presente nas ciências naturais poderia ser transferido para outros campos do saber. Condorcet, matemático iluminista francês, por exemplo, defendia a existência de leis universais válidas para a humanidade como forma de libertá-la da ignorância e da opressão política e social que eram impostas pelo Antigo Regime. Para esse pensador, havia a possibilidade de criar uma Matemática social a partir da aplicação do cálculo de valores às ciências sociais como forma de anunciar as condições futuras da sociedade. O objetivo desta ciência seria o de “[...] prever quais eram as chances prováveis do constante aperfeiçoamento do espírito humano [...]. [Assim], a sociedade passaria a contar com um forte antídoto para combater os enormes prejuízos demográficos e humanitários causados pela ignorância” (Santos, 2019, p. 7).

A pretensão de Condorcet e de outros pensadores do iluminismo era a de fundar uma ciência da sociedade que fosse mais neutra, tal como uma ciência da natureza. O objetivo era derrotar um antigo sistema movido pela parcialidade no conhecimento, resultante dos interesses das classes dominantes da sociedade, como “a sustentação política da Monarquia Absoluta, os privilégios de uma Aristocracia encarada sob o prisma do “parasitismo social”, e as superstições teológicas e hierarquizações sociais difundidas pelo Alto Clero” (Santos, 2019, p. 10). Desse modo, todos os argumentos de autoridade promulgados pela Igreja para legitimar temas científicos e filosóficos passariam a ser questionados, e separados das afirmações não-científicas, para que

fossem superados pela humanidade, que passaria agora a ser guiada pela própria Razão (cf. Santos, 2019, p. 10).

Os iluministas viam a ciência como revolucionária, pois todas as suas afirmações são pautadas em critérios rigorosos de experimentação e conduzidas por métodos para obter resultados verificáveis. Assim, acreditavam que as sociedades humanas também pudessem ser analisadas de acordo com critérios científicos.

É nesse cenário do discurso revolucionário iluminista que surge o Positivismo, com o francês Auguste Comte. Este movimento nasce do contexto da revolução industrial, cujo sentimento de entusiasmo fez efetivar a ideia de que há um progresso humano e social irrefreável. A sociedade teria em mãos os instrumentos para solucionar seus problemas: “[E]sses instrumentos eram sobretudo a ciência e suas aplicações na indústria, bem como o livre intercâmbio e a educação” (Reale, 1991, p. 295). A industrialização e o desenvolvimento da ciência e das tecnologias seriam interpretados e exaltados pelo positivismo como sendo os pilares da sociedade. A sua análise seria por meio da equiparação dos métodos das ciências da natureza com as ciências sociais, tendo como critério a neutralidade do cientista social, bem como a procura de leis universais e invariáveis que dirigiriam a humanidade (Barros, 2011, p. 12). Para Comte, “a melhor metodologia para conhecer a vida social seria a mesma empregada para estudar a vida natural: a observação com objetividade científica – neutra, livre das ideologias” (Figueiredo, 2015, p. 170). Buscava-se, com efeito, uma verdade objetiva dos fatos, pois ela seria “a única forma de conceder aos resultados da pesquisa uma valoração universal” (Figueiredo, 2015, p. 170).

Entretanto, alguns lineamentos proporcionaram o surgimento e desenvolvimento do historicismo, movimento que se opõe à visão positivista de reduzir as ciências históricas ao critério das ciências da natureza (cf. Reale, 1991, p. 454). A época em que a concepção historicista teve seu arco do desenvolvimento foi com “a Primeira Guerra Mundial, a ruína do poder germânico, a Revolução Russa de 1917, a difusão do marxismo, a República de Weimar, o nascimento do fascismo e do nazismo e os preparativos para o segundo conflito internacional” (Reale, 1991, p. 453). Tais acontecimentos influenciaram os pensadores a olhar para a história de um ponto de vista diferente do positivismo e de outras concepções que consideravam a realidade histórica-social segundo um aspecto universal e abstrativo. De acordo com o historiador Meinecke, “o primeiro princípio do Historicismo consiste em substituir uma consideração generalizante e abstrata das forças histórico-humanas por uma consideração de seu caráter individual [...]” (Meinecke, 1954, pref. pp. X apud Bobbio, 1995, p.47). Tal concepção visa compreender o homem em suas particularidades, com suas dores, virtudes e vícios, distanciando-se da visão que entendia o ser humano segundo um aspecto substancial, isto é, como algo que permanece sempre o mesmo,

independentemente do tempo e lugar; pois, esse pensamento “[...] não compreende as profundas transformações que a vida moral e espiritual do indivíduo e da comunidade sofre e assume, não obstante permaneça inalterada quanto às qualidades humanas fundamentais” (Meinecke, 1954, pref. pp. X-XI apud Bobbio, 1995, p.47).

Por esse motivo, no que diz respeito ao positivismo “[...] os historicistas rejeitam a filosofia comtiana da história e a pretensão de reduzir as ciências históricas ao modelo das ciências naturais, não obstante os historicistas concordem com os positivistas na exigência de pesquisa concreta dos fatos empíricos” (Reale, 1991, p. 454). Mas, o que diferenciaria os historicistas dos positivistas é o fato de que o estudo das ciências histórico-sociais se baseia na compreensão (*Verstehen*), e não na explicação causal (*Erklären*), como fazem as ciências naturais. Isso se explica porque a análise historicista considera as forças histórico-humanas segundo um caráter particular. Tendo como referência a crítica kantiana acerca das condições de possibilidades do conhecimento e das ações humanas, eles entendiam que o sujeito do conhecimento, embora não sendo o transcendental com suas condições *a priori*, são “[...] homens concretos, históricos, com poderes cognoscitivos condicionados pelo horizonte e pelo contexto histórico em que vivem e atuam” (Reale, 1991, p. 455).

É nesse cenário da visão historicista que não se pode deixar de mencionar Wilhelm Dilthey, o responsável por “[...] fundamentar a validade das ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*)” (Reale, 1991, p. 455). Para o autor, o homem não pode ser analisado segundo os mesmos critérios de cientificidade das ciências naturais, pois quando se trata da vida psíquica e suas manifestações, não podemos reduzi-las a uma explicação causal. As ciências humanas devem ter seu método próprio de investigação, pois deve-se levar em conta a vivência dos indivíduos. A vivência é o ponto de partida de qualquer análise dos fenômenos humanos. No aspecto da vida humana, deve-se entender que o ser humano não tem uma natureza, mas tem uma história, sendo essa construída por fatores contingentes e particulares.

Dilthey entendia que toda epistemologia que analisa o homem deveria ser reformulada para compreender todos esses fatores. A realidade que constitui a vida do homem é a realidade histórica tecida pelas criações humanas, porque elas são produtos da natureza do espírito. Assim, cabe às ciências do espírito ter conhecimento da razão histórica que rege o universo da vida humana, como veremos mais adiante.

1 A PERSPECTIVA POSITIVISTA DA HUMANIDADE

Segundo Reale (1991), ainda que o positivismo tenha sua origem na França, com Auguste Comte, vários pensadores defenderam esse movimento, acrescentando aspectos da cultura de suas

regiões. Se na França, por um lado, o positivismo situou-se na visão racionalista de Descartes à concepção iluminista, no positivismo inglês, representado por John Stuart Mill e Herbert Spencer, por outro, desenvolveu-se dentro da perspectiva empirista e utilitarista, passando a inserir-se na teoria darwiniana da evolução. Assim também foram as tradições positivistas da Alemanha, com suas roupagens científicas e do monismo materialista.

Não obstante essas diversificações apresentarem aspectos culturais específicos, o positivismo possuía traços que davam identidade a esse movimento. Entre os pontos em comum está o de querer compreender as sociedades humanas a partir da aplicação do mesmo método das ciências naturais, ou seja, a identificação de leis causais e sua aplicação sobre os fatos. Desse modo, sendo diverso da concepção idealista, o positivismo postula a primazia da ciência, entendendo-a como único meio para conhecer, já que o método das ciências naturais é o único capaz de obter conhecimento. Defende-se que os fatos empíricos são o único fundamento do conhecimento e, a racionalidade científica, por sua vez, é a solução dos problemas da humanidade. Com isso, tem-se a ideia de que a ciência é o instrumento para combater todas as concepções espiritualistas e idealistas da realidade, concepções essas consideradas pelos positivistas como metafísicas e dogmáticas (Reale, 1991, p. 297).

É com base na análise científica da sociedade que Comte constrói a sua filosofia da história, a partir da lei dos três estados, que denota todo o processo evolutivo da humanidade. Em sua obra *Curso de Filosofia Positiva*, o autor expressa a sua “grande lei fundamental”, segundo a qual

[...] se sujeita por uma necessidade invariável, e que me parece poder ser solidamente estabelecida, quer na base de provas racionais fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, quer na base de verificações históricas resultantes dum exame atento do passado. Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo (Comte, 1983, p. 4).

Para Comte, é da natureza do espírito humano empregar sucessivamente três métodos de filosofar, sendo que o aspecto de cada estado é basicamente diferente e radicalmente oposto aos outros estados. No primeiro estado, o teológico, os fenômenos são compreendidos como resultantes “[...] da ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo” (Comte, 1983, p. 4). O espírito humano está aquém do conhecimento científico e busca a natureza íntima de todos os seres, pautando-se na investigação das suas causas primeiras e finais.

Já no estado metafísico, Comte afirma que acontece uma simples modificação em relação ao estágio anterior, uma vez que os agentes sobrenaturais usados para explicar os fenômenos são

substituídos por elementos metafísicos. A filosofia, por meio de suas categorias abstratas, é a condição para que o espírito humano possa compreender o seu meio natural e social.

E, o estado positivo, que, por sua vez, é considerado o estágio mais avançado da humanidade, porque é nele que

[...] o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude (Comte, 1983, p. 4).

Nesse estado positivo, os fatos são reduzidos em seus termos reais e explicados pelas relações constantes entre eles. A própria filosofia, com todas as suas ideias abstratas, deve ser substituída pela ciência, pois esta apresenta dados positivos que são firmados na experiência, isto é, naquilo que é observável. A filosofia, então, é reduzida “[...] a uma sistematização das ciências e a uma metodologia: a doutrina do método positivo” (Padovane; Castagnola, 1970, p. 432). Com isso, toda metodologia que antes investigava seus problemas pelas vias teológicas e metafísicas, agora passa a ser baseada em uma rigorosa pesquisa científica. É por esse motivo que Comte entende que “o estado positivo, portanto, é o estado científico. Trata-se do pensamento em que o conhecimento científico teria alcançado sua mais alta perfeição, a ponto de servir de modelo para a reorganização da sociedade como um todo” (Brandão, 2011, p. 83). É com base no critério de precisão científica que Comte tem a intenção de investigar o homem em sociedade, visando, nesse estudo sociológico, o mesmo modelo de cientificidade das ciências naturais. O estudo dos fenômenos sociais será denominado de Ciência da Física Social. Essa ciência, segundo o autor, é “[...] considerada a única base sólida da reorganização social, que deve terminar o estado de crise no qual se encontram, há tanto tempo, as nações mais civilizadas” (Comte, 2000, p. 39). Sobre esse aspecto, entender-se-ia que as crises sociais e políticas poderiam ser resolvidas a partir do conhecimento dos próprios fatos sociais e políticos (cf. Reale, 1991, p. 301-302). Por esse motivo, a necessidade de desenvolver uma ciência da física social como forma de pesquisar as leis dos fenômenos das sociedades.

A física social - ciência que tem por objeto próprio o estudo dos fenômenos sociais considerados com o mesmo espírito que os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos - de Comte, ao investigar os fenômenos sociais com os mesmos critérios empregados no estudo das outras ciências, atribui um caráter eminentemente objetivo à História (Faustino; Gasparin, 2001, p. 160).

Ao pautar-se no método das ciências naturais para estudar a história, Comte analisa os fenômenos sociais por dois aspectos, a saber, o *estático* e o *dinâmico*. Como explica Brandão (2011, p. 85),

o estático está relacionado com a questão da ordem, e o dinâmico com o progresso. Do ponto de vista estático são estudadas as condições constantes da sociedade, isto é, as condições que se mostraram comuns a todas as sociedades em todos os tempos, buscando explicar as ligações entre a organização política e a civilização. Já do ponto de vista dinâmico são estudadas as leis progressivas do desenvolvimento social; sendo o progresso compreendido não como um aumento de coisas, como conforto, felicidade e justiça, mas como uma melhoria da ação humana sobre a natureza; e no caso da sociologia, mais propriamente, como um aperfeiçoamento da organização social.

O que o positivismo comtiano tem em vista é uma investigação aprofundada sobre o passado e um esclarecimento real do presente, para se ter uma demonstração geral do futuro. Isso porque “[...] cabe à sociologia estabelecer as relações mútuas dos fatos sociais e compreender suas influências no conjunto do desenvolvimento humano, permitindo, assim, uma evidenciação, por meio de leis naturais, das diversas tendências próprias de cada época” (Brandão, 2011, p. 85-86). Ao obter os resultados da investigação histórica sobre a sociedade, o homem é orientado a identificar as crises e os problemas sociais; por meio da descoberta e estabelecimento de formas práticas, torna-se possível evitar e atenuar tais crises. “Isso porque nessa ordem de fenômenos, assim como em qualquer outra, Comte vai dizer que a ciência conduz à previsão e esta permite regularizar a ação” (Brandão, 2011, p. 86).

Tendo como objetivo a explicação causal dos fenômenos sociais, os positivistas acreditavam que o raciocínio acrescentado da observação levaria a descobrir as leis gerais da sociedade. O mundo histórico, analisado mediante o método das ciências naturais, é reduzido à natureza, uma vez que a pretensão do positivismo era sobrepor ao mundo histórico o esquema causal-determinista (Reale, 1991, p. 455). A objetivação da História à categoria de ciência é uma forma de pensá-la segundo um princípio de neutralidade científica. Isso significa que o investigador que analisa a sociedade deve vivenciá-la, compreendê-la e explicá-la, contudo sem ser influenciado pelas condições de seu tempo (cf. Faustino; Gasparin, 2001, p. 160).

A defesa de uma neutralidade no estudo da história, bem como a objetividade e a fidelidade dos documentos, como propõe, por exemplo, o historiador Leopold Von Ranke, é que, “[...] ao estudar a história, era o de mostrar o passado sem sucumbir às paixões terrenas” (Faustino; Gasparin, 2001, p. 162). Seu objetivo era extinguir todas as questões pessoais, subjetivas, que poderiam alterar o real conteúdo da história. Por isso é que Ranke utiliza como fórmula para assegurar a neutralidade um estudo dos problemas sociais pautados em métodos estritamente científicos, distantes de quaisquer abstrações filosóficas e subjetivismos (cf. Faustino; Gasparin, 2001, p. 162).

2 O HISTORICISMO DE DILTHEY E A SUA CRÍTICA AO POSITIVISMO

Na sua obra *Introdução às ciências do espírito*, de 1883, Dilthey estabelece a diferença entre as ciências naturais e as ciências do homem ou, como ele as chama, as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*). O autor explica que essa diferença se dá com relação ao seu objeto de estudo, bem como à forma como ele é analisado, sendo, portanto, as ciências da natureza, mediante explicação causal (*Erklären*), e, as ciências do espírito, pela compreensão (*Erlebnis*) dos fatos sociais. No caso das ciências naturais, o seu objeto consiste nos fenômenos exteriores ao homem. Já o objeto de análise das ciências do espírito consiste na realidade interna do homem, ou seja, no universo de relações entre os indivíduos, universo em que o homem possui consciência imediata (cf. Reale, 2005, p. 455). Segundo Dilthey, quanto ao universo dos próprios estados do homem,

[...] podemos reproduzir em nossa representação até um certo ponto, acompanhá-los com ódio e amor, com alegria apaixonada e com todo o jogo de nossos sentimentos, porém contemplamos esse mundo em que nos percebemos a nós mesmos como elementos que atuam entre outros elementos. Porque este mundo nosso é a sociedade e não a natureza. (Dilthey, 1951, p. 399 *apud* Silva, 2006, p. 117-118).

O que o filósofo mostra é que o mundo natural é estranho ao mundo social, porque a natureza é externa e muda para o homem; ao passo que a sociedade é vista como o nosso mundo. Ela é constituída pelas relações dos seres humanos, as quais são responsáveis por gerar os sistemas de culturas e todas as outras organizações que possuem existência histórica.

Em função dessa diferença, Dilthey vê certas dificuldades na ideia positivista de que as ciências do espírito podem ser delimitadas e avaliadas nos mesmos rigores metodológicos das ciências naturais. Para o filósofo, explica Kahlmeyer-Mertens (2012), esse processo promove a perda do objeto próprio de estudo que cada uma das ciências humanas examina, pois a ação abstrativa sobre os elementos humanos faz com que eles sejam decompostos e seus horizontes, assolados. Ou seja,

[...] por valer-se de compreensões hipotéticas (ou ainda, “hipostasiadas”), as ciências naturais posicionariam os objetos das ciências humanas tal como fazem com os objetos da natureza, interpretando-os como dados em sua mera aparência e duração. Desse modo, as ciências naturais (positivas) exerceriam uma ação “abstrativa” sobre o conhecimento acerca do humano (Kahlmeyer-Mertens, 2012, p. 223).

Tal ação causa um efeito negativo sobre as ciências humanas, uma vez que o método de abstração sobre os objetos faz com que todas as particularidades presentes no universo humano sejam retiradas, promovendo com isso, o processo de “desvivificação” (Kahlmeyer-Merten, 2012, p 223).

É por encontrar dificuldades na visão positivista que Dilthey considera necessária a fundamentação das ciências humanas para analisar a sociedade e a sua história. O filósofo entende que essa fundamentação demanda uma pergunta acerca da possibilidade de um conhecimento histórico objetivo que alicerce as ciências humanas, contudo, sem retirar a sua característica peculiar, que é a vivência dos indivíduos. Segundo Kahlmeyer-Mertens (2012), ao levar em conta as vivências dos indivíduos,

Dilthey se serve do método hermenêutico² para, com ele, reconstituir o laço que as ciências humanas possuem com o humano. Assim, uma fundamentação das referidas ciências ocorreria ao passo em que, hermeneuticamente, se possibilitaria um compreender acerca de como o conhecimento humano se faz desde o horizonte próprio ao espírito, sem que os procedimentos explicativos (abstrativos) do positivismo nisso interfiram (Kahlmeyer-Mertens, 2012, p. 225).

É na obra *O surgimento da Hermenêutica* (1900) que Dilthey desenvolve o conceito de hermenêutica, bem como mostra a sua amplitude sobre todas as ciências do homem. “A questão metodológica pressuposta nele, nos faz resvalar em áreas de grande tensão, a saber, a relação do racional e irracional, ciência e arte, psicologia e história, interpretação e exegese etc” (Silva, 2006, p. 117). Nesse estudo, Dilthey mostra que “a vida é um grande texto a ser compreendido. A vida tem a sua coerência, é ela que o investigador deve compreender, antes mesmo e através do texto” (Silva, 2006, p. 117). O ato de compreender é o que possibilita o investigador manter-se atualizado em seu espírito algo que é passado, pois “os fatos podem ser reproduzidos de certa forma em nossas próprias vidas” (Silva, 2006, p. 117).

Na compreensão do universo do outro, o investigador passa por experiências que são concedidas pelas suas próprias condições históricas, tendo, com isso, a possibilidade de aprender sobre esse outro universo. Nessa ação, ele revive outras experiências à medida que atribui expressões do seu mundo ao mundo do outro. Em Dilthey,

a revivência é uma operação que tenta seguir a linha dos acontecimentos que vão da intenção à consecução da ação. Mas não é um procedimento somente intelectual, é algo que acontece a todo momento, pois o ato comunicativo nos exige a capacidade de reviver a ação descrita numa expressão (Silva, 2006, p. 115).

Reviver é o processo em que o sujeito se coloca na situação do objeto. Tal operação de se estar no lugar do outro promove uma recriação dentro daquele espírito que investiga. Esta

² Segundo Silva (cf. 2006, p. 117), embora não tenha sido Dilthey o primeiro a fundar o método da hermenêutica (Vico já utilizava esse método antes de Dilthey, sendo ele, portanto, o criador), foi na tradição alemã que ele tornou possível dar sistematicidade à compreensão, para que a concretizasse como uma ferramenta para as ciências humanas. E foi Dilthey quem tornou possível teorizar tal empreendimento. Ocorreu aí a sistematização de uma teoria que se tornou referência no campo da hermenêutica.

recriação se explica porque o sujeito não tem a possibilidade de reviver plenamente a vida do outro, mas sim de reinventar, a partir dos elementos que o outro dispõe, uma concepção do seu objeto.

Numa cena teatral, por exemplo, mesmo que a experiência apresentada seja completamente diferente de tudo aquilo que o sujeito já viveu, pela imaginação e analogia, o sujeito é capaz de revivê-la em seu espírito. Por isso, se emociona, chora ou se alegra (Silva, 2006, p. 115).

Nesse processo, acontece uma identificação entre o sujeito que compreende e o objeto compreendido, ou uma transferência do sujeito ao objeto, pois o que se tem é a vida captando e compreendendo a própria vida. Para Dilthey (1986), o ato de compreender significa que “a alma percorreu um trilho conhecido no qual já antes gozou e sofreu, exigiu e agiu, em circunstâncias de vida semelhantes” (Dilthey, 1986, p. 280). Isto se explica porque é realizada “[...] uma abertura ao mundo do outro, [...] pois dado o limite de nossa própria vida, o outro nos ajuda a compreender algo que, de certa forma, já sabemos, pois está em nossa vida” (Silva, 2006, p. 114).

Em Dilthey, a compreensão é considerada um elemento chave para definir os temas e métodos das ciências do espírito. A partir desse elemento, o filósofo irá operar sobre a distinção entre os conceitos de *Erlebnis* (compreender) e *Erleben* (vida), sendo o primeiro uma etapa do segundo, ou seja, uma etapa da vida. É sobre esse aspecto que todas as ciências humanas irão trabalhar, já que “[...] a corrente da vida se realiza em complexo de objetivações, cujo significado deve ser entendido graças ao esforço de compreensão” (Reale, 2005, p. 457). Assim, todos os estados de consciência expressados em sons, gestos de vulto, linguagem se objetivam em instituições tais como igrejas, Estados, institutos científicos, e são responsáveis por moverem a história da humanidade (cf. Dilthey apud Reale, 2005, p. 457).

O que Dilthey mostra é que é a *Erleben* que promove a objetivação do espírito humano em forma de instituições tais como os Estados, os sistemas jurídicos, os movimentos artísticos, filosóficos etc. Segundo Amaral (1990, p. 169),

as criações históricas adquirem foros de objetividade justamente por serem manifestações, exteriorizações da energia espiritual, cabendo às “ciências do espírito, antes de mais nada e principalmente retraduzir a imensa e extensa exteriorização da realidade humana histórico-social na vitalidade espiritual de onde ela proveio. O procedimento de retradução conquista validade na justa medida em que constitui a outra face do agir espiritual. Ou, em outras palavras, o espírito exterioriza-se em obras ou criações, e por isso ele é capaz de retroceder às origens, retraduzir, interiorizar sua criação, compreendê-la, portanto.

Obter conhecimento objetivo a partir do método hermenêutico de compreensão da vida, para Dilthey nada mais é que entender a estrutura do mundo histórico, já que é a historicidade a característica da vida humana. Assim,

a objetivação da vida é a primeira característica da estrutura do mundo histórico, devendo-se atentar para o fato de que o espírito objetivo de Dilthey não é, como para Hegel, a manifestação de uma Razão absoluta³, tampouco refere-se à visão da história como algo explicado via causal e determinista dos positivistas, mas sim é o produto da atividade de homens históricos (Reale, 2005, p. 458).

O que Dilthey mostra é que a objetividade nas ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) não trata do encontro de noções apriorísticas no estudo sobre a humanidade, mas sim da soberania do espírito humano em cada concepção de mundo particular. Tal visão é determinante para entender que “[...] nos diferentes modos de o espírito se comportar subsiste para nós uma única realidade” (Dilthey apud Amaral, 1990, p. 165). Essa realidade nada mais é que a razão histórica, enquanto apoio firme e sólido do espírito e que se manifesta por intermédio da análise daquilo que provém da natureza interna do homem. Tal manifestação significa fazer uma crítica histórica da própria razão, mas não uma crítica aos moldes kantianos, que, por sua vez, defende a existência de faculdades *a priori*, e, sim a de compreender que não há noções universais que possam valer para todos os homens e nações.

Dilthey é enfático em evidenciar que as coisas produzidas pelo homem possuem uma historicidade, seja ela desde a construção de instituições, até mesmo da visão metafísica de mundo, pois essa é uma produção humana sobre a realidade. Isso significa que todo fenômeno histórico é finito e desvela a consciência histórica da finitude de toda situação humana ou social.

A consciência histórica nos conduz a um ponto anterior ao caminho seguido pelos metafísicos, no sentido de um sistema uniforme de validade universal, anterior às diferenças condicionadas por esse caminho, diferenças em forma de classificações. A consciência histórica faz da própria contradição existente nos sistemas e na disposição global dos mesmos seu objeto. Ela vê essa disposição global em conexão com a evolução das religiões e da poesia. Ela mostra que todo o trabalho conceitual metafísico não conseguiu dar um passo em direção a um sistema uniforme. Assim sendo, é possível ver a contradição dos sistemas metafísicos, finalmente, fundada na própria vida, na experiência da vida, nas posições tomadas diante do problema da vida (Amaral, 1990, p. 169).

³ Segundo Reale (1991, p. 455), Dilthey é contrário ao pensamento hegeliano e dos românticos, que compreendem a história como sendo “[...] a realização de um princípio espiritual infinito (Hegel) ou, como queriam os românticos, uma série de manifestações individuais da ação do *Espírito do mundo* que se encarna em cada *Espírito dos povos*”. Dilthey se contrapõe à ideia de espírito absoluto de Hegel, afirmando que há a consciência histórica. Segundo Brito (2005), para Dilthey é a consciência histórica “e não o espírito absoluto em seu saber especulativo, que assumirá a tarefa (agora tornada um ideal) de levar a cabo o saber de si mesmo do espírito. Para a consciência histórica, arte, religião e filosofia são formas equiparadas de expressão da vida e não mais, como queria Hegel, momentos da razão em seu processo de desenvolvimento. Não obstante Dilthey e Hegel compartilhem ainda a ideia de que há algum tipo de objetivação, a diferença entre eles está no fato de que, enquanto Hegel tematiza o retorno do espírito como momento da cognição do conceito, para Dilthey o conceito filosófico não tem significado cognitivo, mas apenas expressivo. Neste sentido, as objetivações da arte representam o verdadeiro triunfo da hermenêutica” (Brito, 2005, p. 56-157).

A partir do desvelamento da consciência histórica, a intenção de Dilthey é apresentar uma filosofia que salve e liberte o homem de todo o condicionamento promovido pela tradição cultural, quer seja pela filosofia dogmática, quer seja pela religião ou pela ciência. A libertação do homem, tanto de si mesmo como da sua história, tem o objetivo de trazê-lo de volta à totalidade, isto é, “[...] à soberania absoluta do espírito e, assim, somente nessa relação parte todo Ihe permitisse extrair o significado de suas experiências limitadas de vida” (Amaral, 1990, p. 166).

Para Dilthey, é importante que o homem compreenda a finitude de todo fenômeno histórico, estado humano ou social, pois, com a

[...] relatividade de todo o tipo de crença [...] o homem alcança a soberania de extrair de toda experiência o seu significado, de se entregar totalmente a ela, imparcialmente, como se não existisse nenhum sistema de filosofia ou crença que pudesse atar o homem. A vida torna-se livre de conhecimento conceitual; o espírito torna-se soberano diante de todas as teias de aranha do pensamento dogmático. Toda beleza, toda santidade, todo sacrifício revivido e interpretado abre perspectiva que revelam a realidade. E, do mesmo modo, acolhemos, então, em nós o mal, o terrível, o feio como tendo o seu lugar no mundo, como encerrando em si uma realidade que precisa ser justificada na ordem do mundo. Algo que não pode ser negado. E, ante a relatividade se faz valer a continuidade da força criadora como fato histórico central (Dilthey apud Amaral, 1990, p. 166).

A revelação para o homem que Dilthey relata é a do belo e do feio, da santidade e do mal, entre outras tantas possibilidades da manifestação histórica promovidas pela Soberania Criadora do espírito humano. Para o autor, é somente desse modo que se constrói “[...] a realidade do mundo histórico e social” (Amaral, 1990, p. 166), realidade essa que somente pode ser estudada pelo método hermenêutico próprio das ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo apontou as características da visão positivista e historicista da humanidade, com vistas a assinalar as dificuldades encontradas no Positivismo em querer analisar o ser humano no mesmo critério dos objetos das ciências da natureza. A intenção da concepção positivista era a de chegar a uma verdade comum dos fatos humanos, pois somente desse modo apresentar-se-ia um resultado de valor universal, tal como pretende-se chegar em toda pesquisa das ciências naturais.

Entretanto, observa-se que na investigação sobre o ser humano há certos aspectos que não podem ser encontrados nos objetos das ciências naturais. Os homens são envolvidos por perspectivas e sentimentos que são condicionadas por horizontes e pelos contextos históricos em que vivem e atuam. Refutar essas peculiaridades, como pretendia o Positivismo, é negar a principal

característica que é própria ao mundo humano, ou seja, a sua historicidade, e tudo aquilo que o homem cria e desenvolve dentro da história.

Diante de tais problemas, Dilthey mostra que é importante haver uma diferenciação em relação ao estudo das ciências da natureza e estudo do ser humano. Segundo o autor, estudar o homem é basear-se na compreensão (*Verstehen*) do seu objeto. Deve-se, portanto, considerar que as forças humanas possuem um caráter particular e contextualizado. O método hermenêutico de compreensão leva em conta a historicidade como algo inerente à vida humana e mostra que a estrutura do mundo humano é histórica.

Com essa distinção, Dilthey compreende que é necessário buscar uma objetividade nas ciências humanas, chamadas por ele de ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), a fim de entender que nos diversos modos do espírito humano se comportar subsiste uma realidade única, um apoio firme do espírito, que se apresenta mediante análise proveniente da natureza interna do homem. Essa realidade é a razão histórica, que tem por objetivo compreender que não existem noções *a priori* e universais que valham para todos os homens e lugares, porque todas as coisas que o espírito humano manifesta são determinadas, ressignificadas e criadas a partir de um contexto.

Para Dilthey, compreender tal coisa é fundamental para que o homem entenda a força do seu espírito recriador, e que o espírito humano é livre, bem como soberano diante de tudo o que é imposto pela visão dogmática da realidade. Isso significa que todos os juízos de valor definidos pelo pensamento dogmático são condicionados a uma realidade histórica e social. Ou seja, em nada possuem um valor absoluto sobre a realidade dos homens.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. Nazaré. C. P. Dilthey e o Problema do Relativismo Histórico. *In: Discurso*. Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, São Paulo, v. 18, p. 61-165, 1990.

BARROS, José D'Assunção. *Dois paradigmas: o Positivismo e o Historicismo*. Blog Escrita da História. Data de publicação: 19 de dezembro de 2010. Disponível em <<http://escritasdahistoria.blogspot.com/2010/12/dois-paradigmas-o-positivismo-e-o.html>> Acesso em: 26 dez. 2022.

BARROS, José D'Assunção. Considerações sobre o paradigma positivista em história. *In: Revista Historiar* - Universidade Estadual Vale do Acaraú – v.4. n. 4, jan./jun. 2011.

BARROS, José D'Assunção. Será a História uma Ciência: um panorama de posições historiográficas. *In: Revista Inter-legere* (UFRN), v. 3, p. 1-29, 2020.

BOBBIO, Norberto. *O Positivismo Jurídico: Lições de Filosofia do Direito*. Tradução de Márcio Pugliesi. São Paulo: Ícone, 1995.

BRANDÃO, A. R. P. A postura do positivismo com relação às ciências humanas. *In: Theoria Revista Eletrônica de Filosofia*. v. 3, p. 80-105, 2011.

- BRITO, E. O. Consciência histórica e hermenêutica: considerações de Gadamer acerca da teoria da história de Dilthey. In: *TRANS/FORM/AÇÃO* (UNESP. MARÍLIA. IMPRESSO) Marília, v. 28, n.2, p. 149-160, 2005.
- COMTE, Auguste. *Curso de Filosofia Positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. Seleção de textos de José Arthur Giannotti. Tradução: José A. Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- COMTE, Auguste. *Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo*. São Paulo: Abril Cultural, 2000.
- CONDORCET. *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*. Paris: Éditions Sociales, 1966.
- DILTHEY, W. Acerca del estudio de la historia de las ciencias del hombre, de la sociedad y del Estado. In: *Psicología y Teoría del Conocimiento*. Tradução e prólogo: Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1951.
- DILTHEY, W. Las Categorías de la Vida. In: *Crítica de la Razón Histórica*. Tradução e prólogo de Carlos Moya Espí. Barcelona: Ediciones Península, 1986.
- FAUSTINO, R. C.; GASPARIN, J. L. A influência do positivismo e do historicismo na educação e no ensino de história. In: *Revista Acta Scientiarum* (UEM), Maringá, v. 23, n.1, p. 137-148, 2001.
- FIGUEIREDO, B. R. Positivismo e marxismo: o debate sobre a neutralidade científica e a construção do projeto profissional do Serviço Social brasileiro. *Serviço Social em Revista* (Online), v. 17, p. 169-186, 2015.
- GADAMER H. G., *Verdade e método*, 4. ed. Tradução: Flávio P. Meurer. Petrópolis: Vozes, 2002.
- KAHLMAYER-MERTENS, R. S. Introdução às ciências humanas de Wilhelm Dilthey (Resenha informativa do livro). In: *Revista Veritas* (Porto Alegre. Impresso), v. 57, p. 223-226, 2012.
- PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. *História da filosofia*. Tradução: Storia della filosofia. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- REALE, Giovanni. *História da filosofia: do Romantismo até nossos dias*. Tradução: Giovanni Reale, Dario Antiseri. São Paulo: Paulus. Coleção Filosofia, 2005. (Volume 3).
- SANTOS, Marcus Éverson. *Matemática social e instrução pública em Condorcet*. 2019. 206 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.
- SILVA, E. L. *Compreender a vida, fundamentar a História: "a crítica da razão histórica" em Wilhelm Dilthey (1833 – 1911)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.